

O TEATRO NA ESCOLA E A ESCOLA NO TEATRO: UMA EXPERIÊNCIA DESBRAVADORA

Josielio Pereira Marinho (1); João Matias da Silva Neto (2);
Kelly Aparecida Almeida Gouveia (3); Everton Alves Menezes (4);
Jacklaine de Almeida Silva (5).

*Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, josielio_cgpb@yahoo.com.br, Joao.matias13@hotmail.com,
kellyalmeidag@gmail.com, everton.alvesmenezes@gmail.com, jacklaine_almeida@yahoo.com.br*

Resumo: Lecionar a disciplina de Língua Portuguesa, de modo que esteja atrelada à arte, pode surtir um efeito bastante positivo na vida dos estudantes, pois, assim, é possível que desenvolvam suas capacidades, tanto intelectuais quanto artísticas. Nesse sentido, o presente trabalho aborda a relevância e eficácia de uma sequência didática de caráter interdisciplinar, realizada por bolsistas da Universidade Estadual da Paraíba, do projeto PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência –, que apresenta caminhos traçados para um processo eficaz de ensino-aprendizagem, partindo da interação entre a arte do teatro e o ensino Língua Portuguesa. Tivemos como objetivo geral desenvolver o estudo paulatino da língua portuguesa, assim como as múltiplas linguagens, através do teatro, dando ênfase à leitura e ao gênero dramático. Desse modo, apresentamos o resultado da aplicação de uma sequência didática ministrada no período de 2017.1, do subprojeto “Base Artística e Reflexiva”, desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Fundamental José Pinheiro, localizada na cidade de Campina Grande – Paraíba, e as contribuições para a formação dos docentes. Durante o período de atuação, que aconteceu mediante o planejamento de uma metodologia expositivo-dialogada, foram perceptíveis os frutos que a temática do teatro proporcionou, despertando, nos alunos, os artistas e leitores que havia neles, através de leituras dramatizadas e atividades educacionais voltadas para o estudo reflexivo da língua portuguesa durante cada aula. A sequência foi finalizada com a leitura dramatizada do texto “Pluft, o fantasminha”, de Maria Clara Machado, no asilo São Vicente de Paulo, situado na mesma cidade. Tivemos como aporte teórico-metodológico, as contribuições de Alves (2000), Freitas (2000), Rojo (2005) e Santos (2012). Ademais, recorreremos também aos estudos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), no que diz respeito à construção de uma sequência didática.

Palavras-chave: ensino-aprendizagem, língua portuguesa, teatro.

INTRODUÇÃO

O desafio de ensinar Língua Portuguesa, *a priori*, pode estar relacionado ao fato de que a disciplina tem um grande volume de regras, variáveis e exceções. Sendo assim, ministrar aulas de língua estaria associado a atividades em torno do ensino fragmentado de gramática, não relacionado a um contexto social. Entretanto, um professor reflexivo, pesquisador e que está sempre aberto a adotar novas perspectivas na construção de suas aulas tem grande possibilidade de fazer um trabalho diferenciado do que se convencionou ser o ensino de português.

Sendo assim, o trabalho com os diversos textos, gêneros

e discursos que circulam na sociedade contribuem para uma construção de saberes voltados para uma visão integrada da língua, em que o objetivo não é formar alunos capazes de codificar ou decifrar códigos linguísticos, mas formar cidadãos críticos e usuários competentes da língua, compreendendo, interagindo e se posicionando frente aos diversos textos e discursos que transitam na coletividade social. Portanto, o texto surge como o centro de uma prática de ensino que privilegie o desenvolvimento da competência comunicativa e interativa dos sujeitos, resultando na formação de um leitor/produtor de textos, que seja um “usuário eficaz e competente da linguagem escrita, imerso em práticas sociais e em atividades de linguagem letradas, que, em diferentes situações comunicativas, utilize-se dos gêneros do discurso para construir ou reconstruir os sentidos do texto que lê ou produz”, conforme enfatiza Rojo (2005).

Sabendo que o ensino de Língua está extremamente associado ao contexto social dos alunos, temos o papel de não apenas formar cidadãos críticos e reflexivos, mas, também, (re)textualizar, discutir e integrar as práticas e experiências vividas por cada estudante, seja no âmbito escolar ou pessoal nos quais esses alunos (em formação e em ação) estão imersos.

Dentre as estratégias de ensino que podem ser utilizadas para uma melhor assimilação de conhecimento, no que diz respeito ao estudo da língua portuguesa, a inserção do teatro ou de suas múltiplas abordagens é um recurso bastante eficaz para uma troca mútua de conhecimento entre docentes e discentes. Mediante uma prática que adote a perspectiva das abordagens teatrais, é possível conciliar um estudo mais profundo e criativo da língua, através do estudo de elementos dessa arte que evoquem aspectos e conteúdos da língua portuguesa.

O teatro surge, nessa sequência, como um elemento motivador, cumprindo, então, uma função desbravadora de despertar no educando seu conhecimento de mundo e, por conseguinte, uma externalização do que pensa sobre determinado conteúdo proposto na aula. Com base nisso, o gênero literário dramático (com origens na Grécia Antiga) foi utilizado para fazer um resgate não só às manifestações dramáticas tão palpáveis em nosso cotidiano, mas como uma busca latente e gradativa sobre o que é teatro, suas abordagens e os principais autores e/ou teatrólogos. Em conversação com esse pensamento, inúmeros conteúdos da língua portuguesa podem ser inseridos na aula, possibilitando a capacidade de estreitar as relações entre teatro e língua portuguesa.

A teatralização, seja com uma leitura dramatizada ou até mesmo uma peça, possibilita uma quebra de rotina em sala de aula e, conseqüentemente, uma atenção maior do aluno, como destaca Santos (2012). Assim, é entendido que o trabalho

com o gênero teatral em sala de aula pode despertar também o interesse dos alunos pela leitura, visto que, a partir da leitura de cada texto previamente pensado pelo educador, a capacidade perceptiva dos educandos é aguçada, ativando o senso crítico e sua criatividade. No momento em que o aluno ouve e, mais que isso, participa de uma leitura, ele passa a agregar inúmeras informações particulares, tendo em vista que cada pessoa carrega seu conhecimento de mundo e, no ato da leitura, cada um vive ou revive experiências singulares, ao mesmo tempo em que agrega conhecimentos linguísticos e estruturais a respeito de determinado gênero textual.

Portanto, observando tais considerações, buscou-se, com o ensino de Língua Portuguesa, abordar, de forma abrangente, todos os aspectos sociocomunicativos da língua, estabelecendo interação entre língua e literatura. Com isso, tornou-se possível a realização de atividades que envolveram leitura, leitura literária, produção e gêneros textuais e literários. Para tanto, enfatizamos que o processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa na sala de aula acontece quando “o fato linguístico é inserido na esfera social, para tornar-se um fato de linguagem, compreendendo como indispensáveis a unicidade do meio social e a do contexto social” (VIGOTSKY & BAKHTIN, 2000 apud FREITAS, 2000, p. 123).

Nesse sentido, o presente trabalho, resultado do projeto Base Artística e Reflexiva (B.A.R.), pertencente ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID/Letras, que tem como propósito promover a integração entre Ensino Superior e Educação Básica, possui o objetivo principal de refletir sobre a experiência desenvolvida na sequência didática intitulada “Teatrar-te: a arte do teatro”, analisando, assim, não só a recepção dos alunos a partir do estudo da língua portuguesa e suas múltiplas linguagens, através do teatro, mas, também, o desenvolvimento da leitura e o estudo do gênero dramático.

O projeto B.A.R. tem como foco principal estabelecer uma base de ensino artístico e reflexiva na língua portuguesa. Logo, um dos objetivos principais é fazer os alunos entenderem que arte não é algo exclusivo das “elites” e que, portanto, os alunos da escola também podem apreciá-la. Desenvolvemos nosso trabalho, especificamente, na Escola Estadual de José Pinheiro, nas quartas e sextas-feiras, das 14h00min às 16h00min, com vinte alunos, do turno da manhã. A desafiadora aplicabilidade da nossa metodologia aconteceu de forma mais educativa e representativa, dando ênfase à aprendizagem dos alunos e ao desenvolvimento de suas práticas de leitura, escrita e oralidade, culminando com reflexões acerca da língua portuguesa.

Nessa perspectiva, buscando ampliação e

desenvolvimento de conhecimento dos alunos do ensino fundamental, através de práticas inovadoras, realizadas através do projeto do PIBID, desenvolvido na Escola Estadual de José Pinheiro, por meio da supervisão da professora da escola, Jacklaine de Almeida Silva, e da coordenadora do projeto, Magliana Rodrigues da Silva, o presente artigo analisa a mediação do teatro na prática de ensino de língua portuguesa.

No primeiro semestre de 2017 o projeto elaborou duas sequências didáticas, aplicadas no período de abril a junho. Neste trabalho, em especial, ressaltaremos apenas a primeira. O tema da sequência inicial, teatro, englobou um trabalho envolvendo arte, questões socioeducativas, literatura e língua portuguesa, trazendo como conteúdos o estudo de gêneros textuais, como: crônicas, sinopse, entrevistas, contos, textos teatrais, além das várias leituras dramatizadas. O trabalho foi efetivado através de aulas expositivo-dialogadas e também do uso de recursos audiovisuais.

Com o intuito de iniciar e agregar um conhecimento mais próximo sobre o teatro, a sequência didática foi planejada e aplicada em 10 encontros que, *a priori*, trouxe bastante aprendizado, tanto para os professores-bolsistas, quanto para os alunos. Neste trabalho, foi sintetizado o processo metodológico, para que assim tivéssemos uma apreciação mais objetiva sobre os pontos mais relevantes de cada aula.

TEATRO NA ESCOLA: METODOLOGIAS APLICADAS NUMA PERSPECTIVA ARTÍSTICO-REFLEXIVA

A sequência supracitada trouxe aos alunos, no primeiro encontro, “A arte do teatro”, o contato com o mundo do teatro e a reflexão sobre as contribuições dessa arte para a aprendizagem de língua portuguesa. A aula, por sua vez, foi iniciada com uma apresentação de leitura dramatizada. Os professores promoveram a leitura do texto “O pequenino grão de areia”, um texto teatral de João Falcão que conta a história de um grão de areia que se apaixonou por uma estrela e sonhava em viver esse amor.

Ao fim da leitura, uma conversa sobre sonhos e desejos nos propiciou um primeiro contato com os alunos, de maneira que a apresentação de cada um deles se deu de maneira espontânea. Passado esse momento, convidamos os alunos a refletirem a respeito das contribuições do teatro para o estudo de língua portuguesa, ressaltando o desenvolvimento da competência da leitura e da oralidade, bem como a capacidade de interação, percepção de si mesmo, concentração e outros benefícios que o teatro agrega.

Posteriormente, no segundo encontro, "Conhecendo o texto teatral", iniciamos a aula com um jogo de mímica. Com o uso da linguagem não verbal, os alunos apresentaram, na sala, gestos e sinais que representassem um conto. Isto serviu para introduzirmos o assunto da aula e refletirmos que o texto teatral tem como objetivo ser contado através da atuação e das representações.

Em seguida, iniciamos a leitura coletiva do texto "E aí, seu gênio?", de Paulo Sacaldassy. Com intuito de prender a atenção dos discentes, nós, professores, fizemos uma leitura dinâmica, interpretando e representando o texto com entonação, gestos e sinais. Feito isso, solicitamos aos discentes que repetissem o ato com o auxílio de outro colega. Sendo assim, tivemos as primeiras representações teatrais dos alunos, bem como um contato cauteloso com a leitura. Foi notável, nessa aula, a dificuldade de interpretação de texto e a dificuldade no emprego dos sinais de pontuação no texto, pelos alunos. Após esse momento, explicamos as características do texto teatral, a linguagem teatral e seus elementos.

Em nosso terceiro encontro, "A linguagem do teatro", demos início a uma oficina de teatro. Para tanto, realizamos um momento de relaxamento com os alunos. Posteriormente, utilizamos algumas músicas com sons relaxantes para preparar e alongar a turma para o que viria posteriormente.

Dando continuidade à oficina, distribuimos os textos "Histórias sem pé nem cabeça", do escritor Mouro Gonçalves Rueda, para realizar um jogo teatral de concentração. Os alunos realizaram uma primeira leitura, sentados e em silêncio. Em seguida, vieram várias instruções enquanto liam o texto, como: andar devagar ou rápido, parar instantaneamente, aumentar e diminuir o tom da voz. Esse jogo gerou muito desconforto na turma. Ouvimos várias queixas e dois alunos desistiram de ler. Explicamos que essa atividade exigia concentração e agilidade de cada um em focar apenas no que lhe foi solicitado, em sua única tarefa: ler seu próprio texto.

Saindo do mundo reflexivo da leitura, realizamos o próximo jogo que, a princípio, parecia não ter muito sentido, mas que trabalhava as expressões corporais e emocionais. Pedimos que a turma formasse um círculo e ficassem, todos, em pé. Em seguida, dispomos um pequeno diálogo: "Você viu o pato? – que pato?". A essa conversa, aparentemente despreziosa, foram atribuídas emoções como: tristeza, raiva, alegria, melancolismo, etc., em que os alunos deveriam estabelecer esse diálogo, representando tais emoções. A turma foi tomada pela diversão do jogo, pois cada dupla que realizava o diálogo não conseguia conter o riso.

Por último, focamos nossa oficina para uma área que é bombardeada na vida dos alunos: a ludicidade. Para o jogo da vez, pedimos que os alunos sentassem e vendamos toda a turma. Posteriormente, colocamos um áudio que emitia sons da natureza, como o barulho da cachoeira, o canto dos pássaros e o som do vento. Um professor iniciou uma estória de improviso, que acontecia em uma floresta encantada, onde tudo era possível. Conforme a performance do professor ia acontecendo, os elementos citados, como maracujá, manga, ventos serenos e a neblina da cachoeira foram agregados durante a contação. O professor, por exemplo, ao citar a árvore que tinha maracujás gigantescos, colocava, próximo ao nariz de cada aluno, um perfumado maracujá, para que fosse agregado ao seu imaginário a veracidade do que estavam imaginando.

No quarto encontro tivemos nossa primeira aula de campo. Fomos ao teatro SESC Centro, em Campina Grande-PB. Lá, os alunos tiveram oportunidade de subir ao palco e conhecer o que há além das cortinas. Nenhum aluno tinha tido essa experiência e, para nós, foi emocionante poder levá-los à magia do teatro, colocando-os em contato com essa arte.

Álvaro Fernandes, diretor de cultura do SESC Centro, explicou aos alunos como funcionava a iluminação, estratégias de cenário, camarim e sonorização. Todos estavam muito curiosos e atenciosos para saber como tudo, naquele palco, funcionava. Foi um momento de alegria e emoção. Passado esse momento, nós, professores, fizemos um círculo, com todos sentados no palco, e contamos a história do teatro, como a arte do teatro contribui para a aprendizagem da Língua Portuguesa. Finalizamos a aula com uma roda de conversa: um momento de reflexão e sensibilidade. Os alunos relataram como foi essa experiência e o que sentiram quando trabalharam corpo e mente.

Continuando com nossa sequência, demos início ao quinto encontro, intitulado “A comédia”. Nele, iniciamos os estudos voltados aos dois principais gêneros que caracterizam o texto teatral: a comédia e o drama. Retomamos um processo de jogos teatrais que foi estabelecido no decorrer dos encontros e foi proposta uma dinâmica, em que os alunos trabalharam sua concentração e cooperação com o parceiro. Adiante, propusemos a leitura do texto teatral “Enfim Nós”, de Tanise Pacheco, que conta as reviravoltas e várias versões de uma celebração de casamento. A leitura, inicialmente, foi feita pelos professores e acompanhada pelos alunos, de maneira que estes criassem familiaridade com o texto, para encená-lo em uma próxima leitura.

Em seguida, discutimos sobre a história lida e encenada em sala de aula, dando ênfase à sua principal característica, já que essa era uma peça de

comédia. Na sequência, falamos sobre os tipos de comédias ou subgêneros da comédia. E, para finalizar, falamos sobre o humor negro e a comédia de constrangimento, dando margem a uma discussão sobre os limites entre comédia e *bullying*.

No nosso sexto encontro, "Drama", iniciamos a aula discutindo com os alunos sobre o que é drama. Em *slides*, exibimos fotos que remetiam a ideias de situações de drama, comédia, terror, tragédia, etc. Os professores dramatizaram a primeira cena e, em seguida, pedimos que os alunos as encenassem de forma improvisada, mas os alunos ainda apresentavam bastante timidez, perdida ao longo das aulas. Após esse momento de interação sobre "Drama" e "Teatro", demos início ao tema do gênero textual trabalhado na aula: a sinopse. Questionamos os alunos se eles conheciam o romance *Romeu e Julieta*. Em seguida, pedimos que apontassem no texto o que era uma sinopse e o que caracterizava esse gênero no texto lido por eles. Em outro momento, demos início à explicação sobre o que é o gênero Drama no teatro. Na sequência, os alunos fizeram a leitura da explicação, contida no módulo didático – que recebem todo semestre, no projeto –, e compartilharam o que entenderam, apontando as diferenças percebidas entre o termo "drama", já conhecido por eles, e o "Drama no teatro".

Finalizamos a aula com uma atividade de produção escrita de uma sinopse, em que os alunos escreveram sobre algum filme, livro, seriado ou novela que tinham assistido e gostado, com o objetivo de atrair os leitores do texto para assistir ou ler a obra indicada.

A aula "Troca de papéis" aconteceu no nosso sétimo encontro. Iniciamos a aula realizando um breve panorama do que seria trabalhado e realizamos a dinâmica da "Troca de papéis", na qual os alunos, em dupla, representaram alguma cena improvisada sobre situações do cotidiano deles: amigos na balada, colegas de classe estudando, namorados brigando por ciúme, entre outros, e quando o professor sinalizou, com palmas, os participantes tiveram de trocar de papéis. Foi um momento dinâmico e agradável, pois eles puderam fazer dois papéis em uma mesma representação.

Em seguida, explicamos sobre os elementos teatrais que vão além do elenco de atores: figurino, maquiagem, sonoplastia, cenário, iluminação, produção, preparação de atores e direção, fazendo-os refletir sobre a importância de cada componente desses elementos. Introduzimos a ideia da visita ao Instituto São Vicente de Paulo e explicamos que os alunos apresentariam a leitura de uma peça dramatizada aos idosos. Então, os professores fizeram a leitura em voz alta do texto "Pluft, o fantasminha", de Maria Clara Machado, fazendo com

que os alunos tivessem um primeiro contato com a peça que seria apresentada no asilo.

Em sequência, dividimos as funções de cada grupo de alunos. Cada equipe ficou sob a orientação de um professor para discutir sobre maquiagem e figurino, sonoplastia e cenário e sobre a atuação dos atores. Foi um momento bastante proveitoso, pois os alunos, de fato, se engajaram no que lhes foi proposto, cumprindo seus papéis, seja de autor, produtor, maquiador, figurinista, etc.

Por fim, demos as orientações para o próximo encontro, que seria o ensaio da leitura da peça, e direcionamos os alunos para atentarem sobre o que iria ocorrer na apresentação da peça no asilo, apontando a importância de respeitar o contexto em que os idosos se encontravam.

Durante nosso oitavo encontro, realizamos um ensaio apenas com os alunos que iriam participar da leitura dramatizada. A princípio, como forma de instigar os alunos presentes a relaxarem, fizemos alguns exercícios teatrais que trabalharam o aquecimento vocal e as expressões faciais, de modo que tal ação refletisse no desempenho dos alunos durante todo ensaio.

Em seguida, começamos a leitura do texto “Pluft, o fantasminha”, de Maria Clara Machado, com os alunos. Esse primeiro momento foi de reconhecimento da história a ser dramatizada. À medida que a leitura ia acontecendo, o professor repassava instruções sobre entonação e expressões na voz. Cada aluno, apesar de sua dificuldade com a prática da leitura, demonstrou enorme fascínio pelo que estava realizando.

Percebemos a evolução dos alunos a cada releitura da peça. O aperfeiçoamento foi ocorrendo gradativamente e de forma natural, uma vez que já identificavam em que momento precisavam utilizar a entonação correta, respirar, ler mais rápido ou pausadamente. Ao fim do ensaio, os alunos mostraram-se mais empolgados e realizados com o que acabavam de protagonizar.

No nono encontro, ao chegarmos ao asilo, fomos impactados por sorrisos, palmas e olhares curiosos, causando um momento meditativo para os alunos e, também, para os professores. Esse momento reflexivo, conseqüentemente, foi a certeza de que a proposta da nossa aula iria funcionar. Inicialmente, foi perceptível ver nossos alunos concentrados na apresentação de “Pluft, o fantasminha”, uma peça teatral infantil, escrita pela dramaturga brasileira, Maria Clara Machado, em 1955. Àqueles que iriam fazer a leitura dramatizada, a concentração dava-se no palco, no texto em mãos. Também delimitamos funcionalidades para os alunos que não estavam na dramatização da leitura. Sendo

assim, os que ficaram responsáveis para o apoio, filmagem, fotos e efeitos especiais estavam totalmente atentos à apresentação.

A leitura dramatizada aconteceu de forma linear. Nossos alunos realizaram a compreensão semântica do texto e dramatizaram a leitura corretamente. Assim, tivemos, imediatamente, a certeza de que a aplicabilidade do nosso objetivo aconteceu. Após a leitura, alunos e professores socializaram com os idosos do asilo, gerando conversas sobre assuntos diversos. Em resposta, os idosos perguntavam o local onde nossos alunos moravam e estudavam. Também surgiram dos alunos algumas perguntas padrões como, por exemplo: “Gostou da apresentação?”. O momento foi finalizado com a despedida e cumprimentos finais aos idosos.

Finalizamos a nossa primeira sequência, “Teatrar-te: a arte do teatro”, com bastante entusiasmo e percebendo que nossos objetivos iniciais haviam sido cumpridos paulatinamente durante cada aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das atividades apresentadas e dos resultados obtidos, ao longo da execução do projeto, aprendemos, todos os dias, nessa escola, a lidar com dificuldades e limitações como, por exemplo, a violência, a indisciplina e as dificuldades de aprendizagem, o que nos provoca, positivamente, a um exercício diário de reflexão do fazer docente e à necessidade de buscarmos alternativas metodológicas que nos encorajem e encorajem nossos alunos a perceberem o valor da aprendizagem para o desenvolvimento intelectual, social, político e moral de cada ser humano.

Ao final das atividades, pode-se perceber que foi de grande importância o crescimento dos alunos na leitura e escrita, no conhecimento de gêneros textuais e na reflexão sobre a temática abordada, uma vez que os alunos conseguiram desenvolver a competência de leitura mediante o auxílio do texto teatral, o que nos leva a entender que mesmo que o ensino nas escolas públicas ainda tenha muitas dificuldades, cabe ao docente ressignificar suas práticas, aprimorando-as, de modo que haja aulas dialogadas, em que a pauta principal, para além dos conteúdos escolares, seja o conhecimento dos alunos e o seu desenvolvimento enquanto cidadãos críticos e reflexivos. Dessa forma, cabe ao professor o papel de trazer a realidade dos seus aprendizes para dentro da sala de aula, realizando uma inclusão social, o que melhorará

sua atuação perante o processo de ensino e aprendizagem, sendo ele o mediador na inclusão de seu aluno na escola.

A relação com o teatro, o desenvolvimento da oralidade, através de leituras dramatizadas, e o contato com o texto teatral foi perceptível e de grande valia não só para o desenvolvimento dos aspectos linguísticos, como também interacionais, uma vez que a arte do teatro proporcionou que os alunos deixassem a timidez de lado e participassem dos momentos lúdicos oferecidos nas aulas.

Também se faz importante ressaltar que a maior parte dos alunos contribuiu de forma efetiva para a execução de todas as atividades propostas, demonstrando interesse em ser aluno ativo, de inserção. Ademais, os resultados nos mostram que o trabalho com a arte é um aporte para instigar e favorecer o ensino-aprendizagem da língua portuguesa e as demais disciplinas.

Observamos, durante a sequência, que os alunos revelaram um posicionamento acolhedor e crítico sobre a temática abordada. É satisfatório perceber que parte desse crescimento dos alunos é fruto de uma sequência didática bem elaborada, que, por meio de ações lúdicas, impulsionou os discentes a redescobrirem o mundo da leitura e trilhar um caminho mais dinâmico para a educação. Isso nos estimula, enquanto professores de língua portuguesa, pois é preciso lecionar de forma que os alunos aprendam a ler o mundo a partir de seus olhares.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Entre a ciência e a sapiência**: o dilema da educação. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e o escrito: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Glais Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

FREITAS, M. T de A. Bakhtin e Linguagem. In: _____. VIGOTSKY & BAKHTIN (Org.). **Psicologia e educação**: um intertexto. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.

ROJO, Roxane. Letramento e diversidade textual. In: **Alfabetização, leitura e escrita:** Boletim 2005, programa 5. Disponível em: <
http://www.academia.edu/1387740/Letramento_e_diversidade_textual>. Acesso em: 22 julho de 2017.

SANTOS, A. N. **O teatro e suas contribuições para educação infantil na escola pública.** 2012. Disponível em: <
http://www.infoteca.inf.br/endipe/smarty/templates/arquivos_template/upload_arquivos/acervo/docs/3252p.pdf> Acesso em 23 de julho de 2017.